



**O CORPO, A PANDEMIA E O MUNICÍPIO EM TERMOS DE
RECIPIENTES: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS METÁFORAS
DE CONTENÇÃO FACE AO JULGAMENTO MORAL
THE BODY, THE PANDEMIC AND THE MUNICIPALITY IN
TERMS OF CONTAINERS: A CRITICAL ANALYSIS OF
CONTAINMENT METAPHORS IN THE FACE OF MORAL
JUDGMENT**

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo

Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem – UENF

ribeirojacimara@gmail.com

Sérgio Arruda de Moura

Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem – UENF

arruda@uenf.br

Resumo–Este artigo tem como objetivo investigar como as metáforas conceptuais de contenção, evidenciadas nos discursos circulantes da Pandemia, possibilitam a orientação do indivíduo quanto à tomada de decisão sobre se vacinar ou não, usar máscara ou não, entrar ou não em

um município marcado por uma barreira sanitária. A fundamentação teórica se estrutura à luz da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980) em diálogo amplo com Goatly (2007), Gibbs (2017), Musolff (2004) acerca das metáforas espaciais e do esquema de contenção. O percurso de análise partiu da proposta de Charteris-Black (2021) quanto às dimensões do recipiente, conforme seu conteúdo, sua capacidade de proteção, suas propriedades, o ponto de vista de quem está dentro ou fora bem como a transitividade e agência de seu conteúdo e de com o coloca lá. Como resultado principal da análise do corpus, foi possível identificar metáforas como MUNICÍPIO É RECIPIENTE, PANDEMIA É RECIPIENTE e CORPO É RECIPIENTE. Desse modo, a Pandemia foi perspectivada como um recipiente em que é possível entrar e sair com a intencionalidade discursiva de alertar a população para a intensificação do quadro de pobreza no Brasil. Já o município foi perspectivado como recipiente para fazer barreira à invasão do inimigo-vírus. Identificou-se também o quadro moral *Santidade e Degradação* como orientação do indivíduo para a o posicionamento de não tomar vacina a partir da construção de pensamento de que o corpo é um recipiente que não pode sofrer penetração forçada, pela metáfora PENETRAÇÃO FORÇADA É ESTUPRO, descoberta que acrescenta ao arcabouço da teoria da metáfora de contenção o domínio-fonte do ESTUPRO para compreender o domínio-alvo de VACINAÇÃO.

Palavras-chave: Pandemia, recipiente, quadros morais, metáfora conceptual

Abstract- This article aims to investigate how the conceptual metaphors of containment, evidenced in the circulating speeches of the Pandemic, allow the individual to guide the decision-making about whether to vaccinate or not, wear a mask or not, enter or not a municipality marked by a sanitary barrier. The theoretical foundation is structured in the light of Lakoff and Johnson's Theory of Conceptual Metaphor (1980) in a broad dialogue with Goatly (2007), Gibbs (2017), Musolff (2004) about spatial metaphors and the containment scheme. The analysis path started from Charteris-Black's (2021) proposal regarding the dimensions of the container, according to its content, its protection capacity, its properties, the point of view of those who are inside or outside, as well as the transitivity and agency of its content and how puts it there. As a main result of the analysis of the corpus, it was possible to identify metaphors such as MUNICIPALITY IS A CONTAINER, PANDEMIA IS A CONTAINER and BODY IS A CONTAINER. for the intensification of poverty in Brazil. The municipality, on the other hand, was seen as a container to make a barrier to the invasion of the enemy-virus. The moral framework Holiness and Degradation was also identified as an individual's orientation for the position of not taking the vaccine from the construction of the thought that the body is a recipient that cannot undergo forced penetration, through the metaphor FORCED PENETRATION IS RAPE, a finding that adds to the framework of the containment metaphor theory the RAPE source domain to understand the VACCINATION target domain

Keywords: Pandemic, container, frameworks, conceptual metaphor

Introdução

A pandemia revelou-se um mundo ressignificado de experiências cognitivas sobre estar dentro e fora de algum lugar, estar contido, ultrapassar fronteiras, etc. Lakoff e Johnson (2002, p. 82), afirmam que “nós conceptualizamos o nosso campo visual como um recipiente e conceptualizamos o que vemos como se estivesse dentro do recipiente”, pois nossa visão demarca um território e aquilo que não conseguimos ver está fora desse recipiente imaginário. Kovecses (2002, p. 202) apresenta a metáfora do recipiente como uma metáfora compartilhada por várias línguas cujos falantes “veem seus corpos e órgãos corporais como recipientes”. O corpo, pelas entradas da boca e dos órgãos respiratórios, foi o recipiente dos vírus da Covid-19, assim como os lugares foram vistos como recipientes que deveriam ser lacrados e protegidos em suas fronteiras. Também não é difícil ouvirmos expressões como “sair da pandemia”, “entramos na pandemia”. De igual modo, os indivíduos de tempos pandêmicos tiveram que tomar decisões constantes a respeito da saúde coletiva em oposição à sua liberdade de ir e vir, de estar dentro e fora de um lugar, ou de colocar ou não uma máscara para o vírus não “entrar” em seu corpo.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar como o corpo, a Pandemia da Covid-19 e o lugar (municípios, estados, países) são conceptualizados como recipientes face ao esquema de contenção e como isso reflete os quadros morais que guiam as decisões dos indivíduos em tempos de pandemia. Com base nas metáforas conceptuais MUNICÍPIO/ESTADO É UM RECIPIENTE, LIMITES SÃO CONTENTORES e RECIPIENTES SÃO ESPAÇOS LIMITADOS, A PANDEMIA É UM RECIPIENTE, O CORPO É UM RECIPIENTE serão investigados textos como manchetes de jornais, comentários da população em redes sociais, textos expositivos de orientação à população que apresentem evidências linguísticas estruturadas pelas dimensões do domínio-fonte recipiente (contêiner) para o domínio-alvo município/estado, corpo e Pandemia. O objetivo é observar como as políticas de contenção referentes às barreiras sanitárias e ao uso obrigatório de máscara são recebidas pela população. A fundamentação teórica se estrutura à luz da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980) em diálogo amplo com Goatly (2007), Gibbs (2017), Musolff (2004) acerca das metáforas espaciais e do esquema de contenção. O percurso de análise partirá da proposta de Charteris-

Black (2021) quanto às dimensões do recipiente, conforme seu conteúdo, sua capacidade de proteção, suas propriedades, o ponto de vista de quem está dentro ou fora bem como a transitividade e agência de seu conteúdo e de com o coloca lá. Já o conceito de quadros morais partirá de Jhonatan Haidt face ao estudo de Black (2021, p. 6), para quem “a metáfora serve como uma heurística para uma posição sobre a tomada de decisão moral [...] e parece bem sintonizada com os momentos em que os líderes populistas estão apelando para as emoções instintivas do ‘povo’”.

Partimos da seguinte questão-problema: como as metáforas de contenção (recipiente) orientam os indivíduos para uma posição sobre a tomada de decisão moral em tempos pandêmicos? Assim, temos como objetivo geral identificar posicionamentos dos indivíduos para tomada de decisão moral na Pandemia a partir das metáforas de contenção (recipiente) em textos divulgados pela mídia (redes sociais). Como objetivos específicos, tem-se: fazer levantamento das metáforas de contenção sobre o corpo como recipiente, analisar posicionamentos para tomada de decisão moral quanto à vacina pelo quadro moral degradação e santidade, fazer levantamento das metáforas de contenção sobre o município/estado como barreiras sanitárias podem ser metaforizadas por recipientes pelas, analisar o posicionamento para tomada de decisão moral quanto à entrada nos municípios/estados pelo quadro moral lealdade e traição.

1. Fundamentação teórica

1.1. Metáfora conceptual e o container

Esta pesquisa tem como base os estudos sobre a metáfora conceptual. Diferentemente da metáfora como figura de linguagem, pela Teoria da Metáfora Conceptual, de autoria de Lakoff e Johnson (1980), trata-se de uma transposição perspectivada de um domínio fonte mais familiar para um domínio alvo mais complexo e mais abstrato para compreensão. Tudo isso se encontra na dimensão do pensamento e não das palavras. Assim, as palavras são apenas uma evidência desse pensamento. E esse pensamento é corporificado, ou seja, pensamos e

produzimos metáforas conceptuais a partir da limitação de nosso corpo e das dimensões sensório-motoras. Kovecses (2010, p. IX), com base em Lakoff e Johnson (1980 [2002]) apresenta alguns traços que definem a metáfora conceptual:

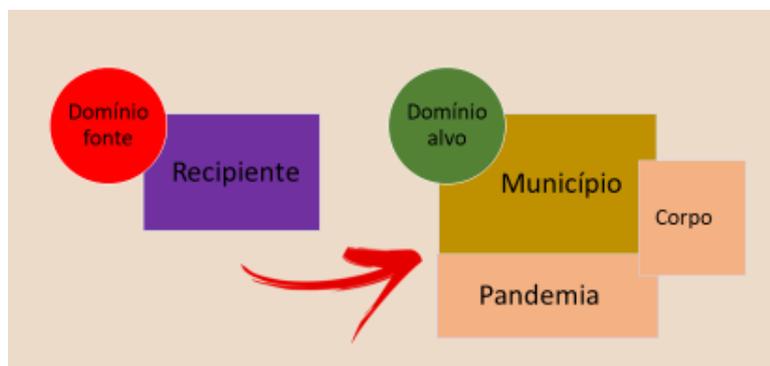
(1) a metáfora é uma propriedade de conceitos, e não de palavras; (2) a função da metáfora é entender melhor certos conceitos, e não apenas algum propósito artístico ou estético; (3) a metáfora é frequentemente não baseado em similaridade; (4) a metáfora é usada sem esforço na vida cotidiana por pessoas comuns, não apenas por pessoas talentosas especiais.

Segundo Goatly (2007, p. 15), nossas experiências mais remotas ainda no ventre de nossa mãe dão base para o esquema de recipiente.

Mesmo no útero, e quando nos libertamos dele, adquirimos um esquema de espaço ou falta de espaço, fornecendo a fonte de, por exemplo, LIBERDADE É ESPAÇO PARA MOVER. Logo adquiriremos o esquema de recipientes com dentro e fora de nossa experiência de comer e excretando, da qual extraímos a fonte de A MENTE É UM RECIPIENTE, e a noção de proximidade de ser apanhada e separada de nossos cuidadores, para que RELACIONAMENTO É PROXIMIDADE

Assim, para as metáforas de contenção aqui estudadas são perspectivadas do domínio fonte contêiner/recipiente as experiências de estar dentro/fora, de proteção do conteúdo do recipiente, de entrar e sair do recipiente, etc. Abreu (2010) define as propriedades que diferenciam o recipiente e o contêiner. Segundo o autor, “ podemos entrar em um edifício ou em um automóvel; podemos pôr alguma coisa dentro dos nossos bolsos. Temos, então, o esquema de CONTAINER” (ABREU, 2010, p. 31). Para Abreu, esse esquema é constituído por região de fronteira, o espaço de fora e o espaço de dentro. Assim, o autor, com base na proposta de ¹Pena sobre esquema de imagem, cria uma hierarquia de dimensões até chegar à dimensão

Logo, se há apenas está no percurso. constituída dimensões,



mais fechada. em uma região uma dimensão, nível do Se é por duas nível de

superfície e se atinge as três dimensões tem-se o esquema de CONTAINER. Assim:

Uma sala, por exemplo, seria um exemplo prototípico de CONTAINER, mas uma mesa também poderia ser um CONTAINER. Como estabelecer,

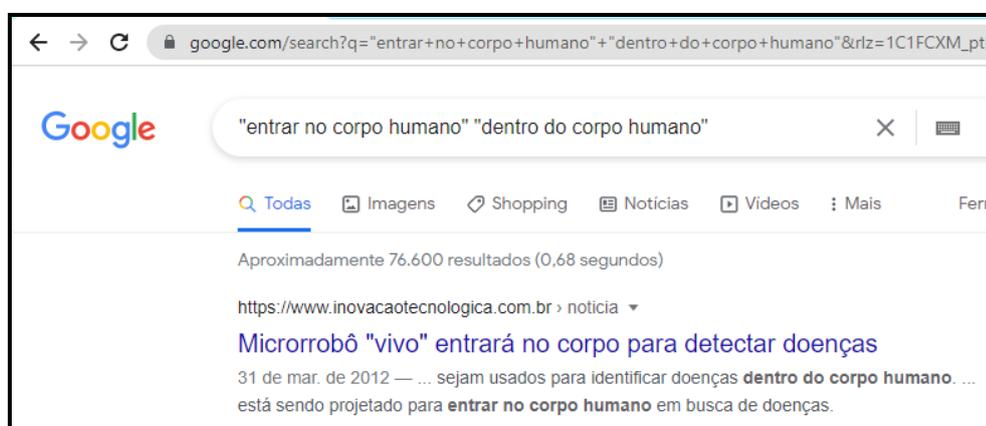
¹ M. Sandra Pena, “Dependency Systems for Image-schematic Patterns in a Usage-based Approach to Language”.

contudo, a diferença entre esses dois tipos de CONTAINER? Com a proposta de Pena, a mesa seria uma SUPERFÍCIE. Cria-se, assim, segundo ela, um conceito mais maleável de fechamento e separação. Uma entidade numa superfície está parcialmente fechada nela (ABREU, 2010, p. 32).

O recorte de análise das metáforas de contenção pelas experiências de confinamento da Pandemia pode ser representado no esquema a seguir:

Figura 1/ Fonte, os autores

Lakoff e Johnson (2002) apresentam as metáforas de recipiente iniciando pelo exemplo de nosso próprio corpo. Somos separados do mundo pela superfície da nossa pele e, portanto, estamos sempre envolvidos na experiência de dentro e fora do corpo. “Cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora” (p. 81). Em uma busca rápida no Google a partir das expressões já cristalizadas na língua, a saber, “entrar no corpo humano” e “dentro do corpo humano” apresentam aproximadamente 76.600 casos de ocorrência. São evidências da hipótese metafórica de que O CORPO HUMANO É RECIPIENTE.



**Figura 2: Google busca "entrar no corpo humano" e "dentro do corpo humano".
Acesso em 24 ago 2022**

É possível encontrar ainda a expressão “corpo cheio de vírus”. O que

evidencia ainda mais a ideia de cheio/vazio, perspectivada do domínio-fonte RECIPIENTE para explicação em contexto de doença. Diniz (2016) usa em sua tese a expressão “corpo cheio de vírus”, para o trecho: “o sangue trouxe consigo a ideia de estar com o corpo cheio de vírus, uma quantidade bem maior do que acreditava antes” (DINIZ, 2016, p. 81). Ao empregar a expressão “trouxe a ideia de” percebe-se que se trata de uma estratégia para explicar a sensação de estar com o vírus e, para isso, a concepção do corpo como recipiente cheio foi destacada para esse fim.

Partindo de nossa experiência corpórea, aplicamos o mecanismo dentro-fora para outros objetos físicos que também são delimitados por superfície, segundo os autores, por exemplo, os cômodos de uma casa, ou ainda uma floresta como parte mais ou menos delimitada por um território de árvores. Nossa necessidade de delimitar fronteiras pode acontecer até por meio de instrumentos de contenção abstratos, como afirmam os autores:

[...] mesmo quando não há uma demarcação natural física que possa ser vista definindo recipiente, nós impomos as fronteiras – demarcando um território de tal forma que ele tenha um interior e uma superfície delimitada – quer seja um muro, uma cerca, ou até mesmo uma linha ou plano abstratos (LAKOFF e JOHNSON (2002, p. 82).

Outrossim, o recipiente que conceituamos metaforicamente possui também uma substância em seu interior. Como uma banheira e a água, respectivamente o recipiente e a substância. Assim, entrar no recipiente objeto banheira é entrar também na substância água.

Do recipiente objeto partimos para a conceptualização do campo visual também como recipiente. Assim, o que vemos está dentro desse recipiente metaforizado. Segundo os autores, isso é natural, pois “quando olhamos para algum território (terra, chão, etc) o nosso campo de visão define uma demarcação do território, no caso, a parte que podemos ver” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.83).

Então, a partir dessa lógica surge o conceito metafórico CAMPOS VISUAIS SÃO RECIPIENTES. É a partir dessa projeção de campo visual para recipiente que interessa analisar como os territórios políticos Municípios/Estados/Países foram concebidos como recipientes na intencionalidade discursiva de conter a propagação do vírus, de proteger uma população local, de criar barreiras de conscientização para evitar o fluxo de pessoas dentro e fora do Municípios/Estados/Países- recipiente. Pelas políticas de gestão da Pandemia, era preciso proteger a substância

do recipiente: as vidas. Em busca rápida no Google a expressão “dentro do município” apresentou aproximadamente 9.480.000 resultados para essa expressão. Isso mostra um resultado geral sobre a conceptualização do município em termos de recipiente, não exatamente sobre a Pandemia da Covid-19. Porém mostra que essa construção de pensamento também foi aproveitada para essa pandemia com a perspectivação da proteção do conteúdo do recipiente.



Figura 3: Busca Google "dentro do município" Acesso em 24 ago de 2022

Partindo do nosso corpo como referência, passando por nosso campo visual, também projetamos um evento ou estado como recipiente. Conceber um evento ou estado como recipiente, por exemplo, é construir metáforas ontológicas. O exemplo desenvolvido por Lakoff e Johnson (2002, p. 83) apresentam o evento “corrida” como um objeto recipiente:

A corrida existe no tempo e no espaço e tem demarcações bem definidas. Assim, nós a vemos como um recipiente, tendo dentro de si participantes (que são objetos), eventos como início e fim (que são metafóricos) e a atividade de correr (que é a substância metafórica)

Assim, é comum ouvir falas como “você está na corrida”, “está fora da corrida”, “o fim da corrida”, como exemplificaram os autores. De modo análogo, importa investigar o evento da Pandemia como recipiente, quem são seus objetos participantes, como se dá seu início e fim. São comuns também enunciados como “o fim da pandemia”, “sair da pandemia”, estar na pandemia”, etc.

Igualmente ao evento como recipiente está também o estado como recipiente. Para os autores, é comum falas como ‘Ele entrou em um estado de euforia’, “Estamos fora de perigo”, “Ele caiu em depressão” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.

85). Para o cenário da Pandemia é importante analisar a conceptualização do estado de risco nos mapas de risco dos municípios, estados. Falas como “sair do risco moderado”, “entrar no risco baixo” também evidenciam o risco como recipiente.

Em uma pesquisa rápida no Google, com a expressão “sair da pandemia”, foram encontrados aproximadamente 388.000 resultados em 0,28 segundos para essa expressão.

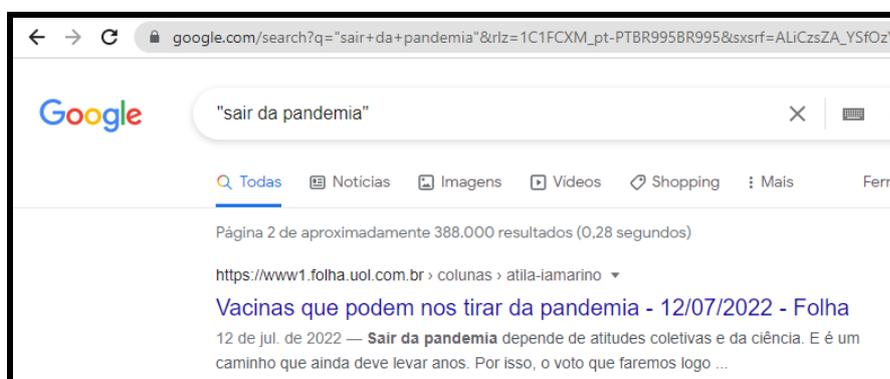


Figura 4 - Busca Google "sair da pandemia" Acesso em 24 de ago de 2022

Outra expressão que evidencia a metáfora PANDEMIA É RECIPIENTE é a expressão “dentro da pandemia”. Para essa expressão em busca rápida no Google foram encontrados 2010.000 resultados em 0,71 segundos para essa expressão.

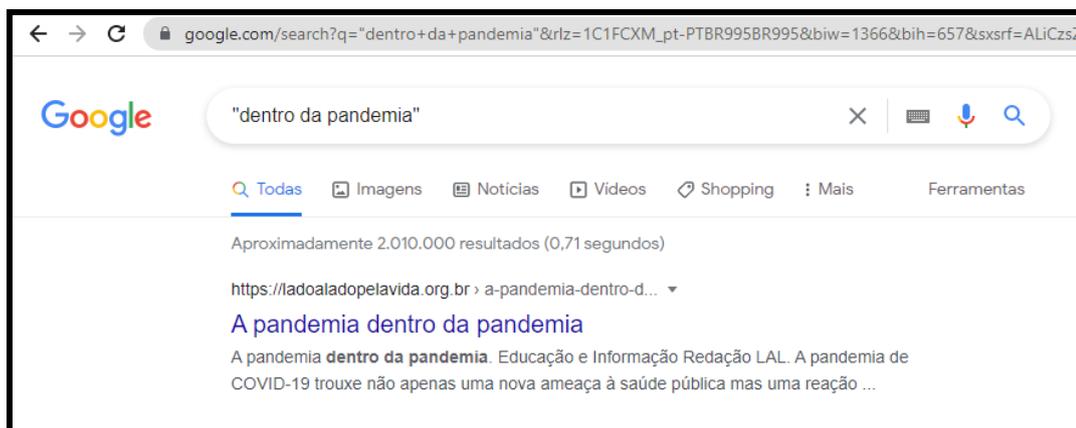


Figura 5 Busca no Google "dentro da pandemia" Acesso em 24 de ago de 2022

A partir do momento em que conceptualizamos o corpo, a Pandemia e os lugares como recipientes e destacamos o esquema dentro-fora no contexto da Pandemia, cuja base é uma doença causada por um vírus, já perspectivamos o

esquema de pureza também como um valor que deve ser protegido de invasões externas e, conseqüentemente ampliamos esse conceito para o campo bélico de luta do corpo contra uma invasão. A guarda da pureza do recipiente foi desenvolvida também por Goatly (2007) quando apresentou a conceptualização da doença (aqui ampliamos para a metonímia do vírus) como invasão desse recipiente corpo. Essa invasão é metaforizada como guerra cujos invasores são os vírus e as bactérias, ou seja, corpos estranhos ao recipiente e que colocam em risco a pureza de sua substância. Segundo o autor, “o corpo pode se defender, lutar, combater ‘lutar para sobreviver’ à doença, através da resistência ‘resposta imunológica’. A medicina pode tentar conquistar ou derrotar “eliminar” uma doença de uma vez por todas.” (GOATLY, 2007, p. 49)

1.2 Quadros morais na Pandemia

Charteris-Black (2021) desenvolve seu estudo sobre as metáforas da pandemia a partir dos seis quadros morais de Haidt que são estruturados sempre em pares de oposição. Primeiramente importa apresentar a relação entre as metáforas de contenção, os quadros morais e a tomada de decisão na pandemia. Segundo o autor, “a decisão torna-se uma questão de consciência privada em que o indivíduo toma uma decisão influenciada por ideias metafóricas sobre proteção e pureza” (CHARTERIS-BLACK, 2021, p. 10). Importa destacar aqui os conflitos entre os quadros. Por exemplo, o primeiro trata-se do cuidado/dano, para qual todo ser humano precisa proteger o outro. O que, segundo o autor, motivou o uso de máscara que se tornou um símbolo de proteção ao outro. Porém esse quadro entra em conflito com o segundo quadro liberdade/opressão. Assim, ao escolher não usar a máscara, o indivíduo coloca a liberdade acima do cuidado com o outro. No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro tomou como base o quadro liberdade/opressão para defender a não obrigatoriedade da vacina a partir de campanhas como “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina. O governo do Brasil preza pelas liberdades dos brasileiros”².

² Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/02/especialistas-criticam-fala-de-bolsonaro-sobre-nao-poder-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina.ghtml>

Na sequência dos quadros, segue o terceiro par oposto justiça/traição. A justiça, como valor social e nunca individual, se instaura na pandemia pela expectativa de altruísmo recíproco. O fundamento está na constante feitura da bondade em relação ao desconhecido. Na pandemia, pela análise do autor, também foi possível perceber esse par de oposição, desde a pretensão de justiça, com a distância de 2 metros nas filas, até a trapaça de sujeitos que compraram de forma exagerada materiais essenciais, logo no início da pandemia, deixando muitos sem tais suprimentos. O outro quadro é o de lealdade/traição. Trata-se de um resultado de evolução das relações tribais que fornece proteção ao membro da tribo e, fora dela, há a vulnerabilidade. Na pandemia a lealdade e a traição se instauraram na medida em que vizinhos denunciavam ações de aglomerações, símbolo de quebra de lealdade tribal.

No quarto par de oposição segue a autoridade/subversão. Na base de uma sociedade hierarquizada, cujo funcionamento se dá por obediência a regras, há um sistema organizado punitivo para quem não as cumpre. No contexto da pandemia, a ciência esteve em constante luta para estar no topo dos comandos das ações mundiais. Assim, as políticas de saúde dos governos pandêmicos eram legitimadas por organizações governamentais: polícia, exército etc. É a autoridade da ciência contra os desejos e as vontades dos indivíduos e também contra a manifestação de subversão dos indivíduos, por exemplo, contra as vacinas. Para o sujeito que se negava a vacinar, não aceitar a vacina significou impedir a invasão e o controle de seu corpo pelo Estado. Essa resistência à violação do corpo também interliga-se ao quinto quadro: santidade/degradação. Em um primeiro momento, a santidade, no contexto da pandemia, foi defendida pelos ambientalistas pela causa da “santidade da natureza”, em consequência da violação desse santuário, pelos contatos invasivos homem-animal. Após o regime de isolamento social, com a aparente “despoluição” da natureza, foi possível até surgir o meme: 'Nós somos o vírus', que segundo o autor, simbolizou uma tendência semelhante de santificar a natureza (CHARTRERIS-BLACK, 2021, p.15).

Outro fundamento moral muito oportuno à pandemia do Coronavírus é o par

honestidade/ desonestidade. As medidas de segurança e a decisão de segui-las ou não – sair ou não de casa; visitar ou não amigos, usar ou não a máscara – tornaram-se “pequenas decisões morais sobre questões que antes não era assunto para muita reflexão” (CHARTERIS-BLACK, 2021, p.20) É nesse fundamento que Charteris-Black critica a teoria intuicionista social de Haidt, pois, segundo o autor, Haidt ignora a relação desse par de oposição com o ato de dizer a verdade. Assim, afirma que

Haidt ignora o fato de que ser honesto, dizer a verdade e evitar o engano, é necessário para moralidade porque aumenta a possibilidade de sobrevivência da espécie. No discurso da pós-verdade, a verdade foi equiparada apenas à “ciência” – e as políticas governamentais sempre alegaram ser baseadas na “ciência”. Mas se os dados forem fabricados, ou achados deturpados porque isso conta uma narrativa melhor então isso é desonesto e imoral (CHARTERIS-BLACK, 2021, p. 21-22).

O par honestidade/desonestidade se encaixa até nos flagrantes de descumprimentos de regras, ações de desvios de políticos que infringiam os próprios preceitos que defendiam diante do povo. Os escândalos nessa direção são inúmeros e representam uma fonte de desonestidade. Independente da desonestidade do político ou dos indivíduos da sociedade civil e de suas ações no cotidiano, segundo o autor, o fato é que a desonestidade de muitos custou a vida de muitas pessoas.

Para a investigação acerca dos quadros morais da pandemia, Charteris-Black apresenta a alegoria (mito) de Orfeu com objetivo de mostrar nossa incapacidade de se conter e, por instinto, acabar infringindo regras. Isso acontece porque Orfeu não conseguiu se segurar e virou para trás para ver Eurídice. Assim descumpriu o acordo que ele fez com Hades e Eurípedes e Orfeu voltou para o submundo para sempre. De forma análoga, durante a pandemia importa investigar por qual motivo não conseguimos nos conter diante das regras “impostas” com a promessa de salvar a nós mesmos e ao outro. O autor explica que “muitas de nossas ações são instintivas e estão além do nosso controle racional”. Assim, a humanidade se viu em constante desafio de quebras de regras da pandemia por diversos motivos: “suspeito que pelo menos metade da população em algum momento quebrou uma ou mais das regras, às vezes inconscientemente, às vezes conscientemente e às vezes com ignorância intencional” (CHARTERIS-BLACK, 2021, p. 4).

O confinamento físico e literal dos corpos, impedindo ou delimitando seus movimentos, pode ser circunstância para a criação e o desenvolvimento de metáforas de contenção, pois foi necessário “conter o vírus” e, ao mesmo tempo “conter” as pessoas dentro de casa, “se conter” pela distância de 2 metros nas filas, etc. A pandemia revelou-se um mundo ressignificado de experiências cognitivas sobre estar dentro e fora, estar contido, ultrapassar fronteiras, etc. Essas estruturas cognitivas já foram objetos de estudos da psicologia e também das metáforas conceptuais pela percepção do nosso corpo como um recipiente que se enche, que explode e transborda de emoções/líquidos mediante os limites e pressão que seus fluidos recebem. Para a Pandemia, o corpo, pelas entradas da boca e dos órgãos respiratórios foram os recipientes dos vírus da Covid-19.

Charteris-Black (2021), ao analisar os discursos políticos e midiáticos do Reino Unido no período da pandemia, afirma que tais experiências são fundamentais para se compreender a relação entre o corpo e a linguagem e o corpo político e a sociedade. A imposição do sistema de saúde em confinar pessoas doentes em locais específicos e classificar doentes e infectados, ou potenciais infectados, não é novidade da pandemia da Covid-19, mas revela-se como uma potência de construções de linguagem e experiências sociais ressignificadas de outras doenças que assolaram o mundo de uma só vez. Se a nossa mente é corporificada, como funcionará, a partir das evidências linguísticas, em circunstância de limitação do corpo de movimento e de lugar em uma experiência universal pandêmica?

Segundo o autor, com base em uma pesquisa histórica sobre pandemias e outros eventos marcados por doenças infecciosas, o confinamento sempre foi a solução proposta de governos para as ameaças de doenças de infecção, por meio de imposições de limites físicos, burocráticos ou morais. Diante disso, ele considera “a contenção a ideia abstrata de confinamento de um grupo de pessoas dentro de alguma forma de contêiner delimitado”. (2021, p. 155). Assim, no capítulo 9 de sua obra, Charteris-Black investiga os efeitos dessa experiência universal de confinamento pela pandemia do coronavírus a fim de observar a cognição evidenciada pela linguagem para as expressões “cordão sanitário” e “quarentena”. Seu foco de análise histórica está no discurso político midiático para a implementação de políticas de contenção. E assim, investiga tais empreendimentos

históricos e políticos à luz dos quadros morais de Lealdade e Traição, Cuidado e Dano, e Santidade e Degradação pela vereda comum do confinamento. Assim, ele defende que a experiência do confinamento pode produzir metáforas espaciais e estas “criam modelos para a compreensão das construções da mente, do corpo, das emoções e do estado-nação” (CHARTERIS-BLACK, 2021, p. 155)

Desse modo, o cordão sanitário, conhecido também como linha de saúde, é uma metáfora espacial que funciona como a expressão “além do pálido”³. Esse cordão é uma fronteira limitada e patrulhado por agentes que objetivam controlar o movimento das pessoas, é o que autor chama de “recipiente motivado”.

Já a quarentena é uma construção temporal motivada pela permanência de Jesus no deserto. Como explica o autor, vem da expressão “quaranta giorni”, e significa “quarenta dias”, na língua veneziana dos séculos XIV e XV. Para essa época, a quarentena era o período específico para o isolamento dos passageiros dos navios que chegavam a terra e só eram liberados após esse período. A palavra quarentena é uma metonímia cujo número simbólico estar no lugar de um período (variável) de isolamento forçado. Importante destacar a classificação do quarentenista, pois não se trata de um criminoso, mas um infectado pela doença. Por isso, é recorrente o paradoxo entre a liberdade dos confinados e a imposição médica. Logo, o cordão sanitário também divide e classifica pessoas pelas circunstâncias que se encontram na experiência universal pandêmica. Como desenvolve o autor,

As doenças infecciosas conduzem as fronteiras entre as pessoas de diferentes maneiras: cria uma divisão entre os doentes e os saudáveis, os infectados e os não infectados, entre aqueles com conhecimento – especialistas, epidemiologistas, estatísticos, médicos etc. – e aqueles sem conhecimento especializado, entre aqueles que fazem as regras e aqueles que são obrigados a seguir eles (CHARTERIS-BLACK, 2021, p. 157 e 158).

Para um analista do discurso importa observar nos discursos cotidianos como essas divisões acontecem para cada caso, principalmente quanto aos que fazem as regras e os obrigados a seguir. E isso se agrava ainda mais em uma sociedade capitalista cujo individualismo é a lei fundamental para a concorrência que garante a sobrevivência e o pensar no outro já se torna um desafio que fica em segundo plano.

³ Segundo Charteris-Black (2021), o pálido era uma parte da Irlanda dominada pelos ingleses e delimitada por uma cerca, uma estaca. Isso acontece porque “Pálido” vem do latim “palum” e significa estaca, cerca.

Então, abre-se a outro paradoxo pandêmico: os interesses da saúde e os interesses econômicos. Para cada interesse, uma forma de vida. Ao primeiro, prega-se a sequência de isolamentos a todo custo; ao segundo, prega-se o isolamento voluntário e a necessidade de se trabalhar, produzir e ter o que comer.

Dessa forma, entre a imposição e o voluntariado entram em ação as metáforas e metonímias, pois tais construções conceptuais podem determinar visões diferentes acerca do confinamento, como “prisão forçada” ou “ato de responsabilidade autoimposta” (p. 158). O que pesa mais é a prisão forçada porque, em termos morais, a primeira instância de prisão tem como base “justiça e trapaça” e em segunda instância cabe o dual de “cuidado e dano” em uma sociedade que precisa se proteger. Essa proteção já possui raiz religiosa e histórica segundo o autor. Isso porque os prédios que abrigavam os leprosos eram chamados de Lazzaretos, em reverência a Lazzaro, santo protetor dos leprosos. Assim, segundo as construções metafóricas de sua pesquisa no Reino Unido, o autor encontrou as seguintes metáforas midiatizadas: CONFINAMENTO É PRISÃO e CONFINAMENTO É SEGURANÇA PÚBLICA.

Aqui importa refletir sobre o confinamento e a prisão, ou ainda, conceber o doente da Covid-19 em termos de criminoso. A polêmica entre os que aceitavam e rejeitavam A Grande Declaração de Barrington⁴ foi um objeto de estudo de Charteris-Black para discutir os quadros morais de Cuidado/dano e Liberdade/opressão. Essa declaração fez aparecerem diferentes visões de mundo que se refletiam na ação das pessoas e suas decisões e usar a máscara ou não, vacinar-se ou não ou permanecer ou não em casa.

A experiência de confinamento na Pandemia suscita então a discussão sobre o esquema de “container” a partir das várias metáforas conceituais que podem surgir das metáforas espaciais. Segundo Charteris-Black (2021), essas metáforas “criam modelos para a compreensão das construções da mente, do corpo, das emoções e

⁴ Trata-se de uma declaração assinada por cerca de 6 mil especialistas que apresentam preocupações médicas sobre os efeitos (físicos, metais e sociais) nas pessoas causados pelas políticas de isolamento instauradas no mundo como ação de combate ao coronavírus. O posicionamento do grupo apresenta-se na defesa de que apenas os mais vulneráveis devem seguir no isolamento total e os demais podem seguir suas vidas normalmente. Informação disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54458457>

do estado-nação. Há evidência na metáfora de que tudo isso está conceitualmente fundamentado em um esquema abstrato para contenção” (2021, p. 155).

2. Metodologia

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar posicionamentos dos indivíduos para tomada de decisão moral na Pandemia a partir das metáforas de contenção (recipiente) em textos divulgados pela mídia (redes sociais). Para isso, foi criada uma amostra representativa de corpus com recorte para análise dos discursos para este artigo. Os textos foram pesquisados no Google a partir do seguinte critério: apresentar evidências na linguagem sobre o corpo, o município e a pandemia como recipientes (contêineres), a partir das palavras “dentro/fora”, “no/em”, “entrar/sair” e derivações. Após a seleção dos textos, o elemento recipiente foi analisado segundo as diretrizes de Charteris-Black (2021, p. 184), a saber:

1. O que é o recipiente e o que está contido?
2. O recipiente protege e, em caso afirmativo, de quê?
3. O contêiner restringe a entidade contida?
4. Quais são as propriedades do recipiente?
5. Qual é o ponto de vista? (De dentro ou de fora do recipiente).
6. Qual é a transitividade e agência do que está no recipiente e o que os coloca lá?

Charteris-Black (2021) apresenta o uso da máscara, empregada como o cuidado mais básico de controle da Pandemia, como uma evidência da metáfora CORPO É RECIPIENTE. Segundo o autor, “as pessoas tornaram-se muito conscientes de suas bocas como possíveis recipientes de infecção durante a pandemia” (CHARTERIS-BLACK, 2021, p.179). Como esse cuidado não foi único – ou seja, veio tecido com outras ações de prevenção, como lavar as mãos, evitar tocar o rosto com as mãos – a máscara, então “tornou-se metonimicamente relacionada à boca, então que a boca descoberta era uma metonímia para infecção, enquanto uma boca coberta tornou-se uma metonímia para controle de infecção”.

Desse modo, “o corpo, e em particularmente os órgãos respiratórios e a boca, eram literalmente o recipiente do vírus Covid-19 e a boca mascarada ou desmascarada assumiu significados ideológicos”.

3. Resultados e discussões

Diante do esquema de recipiente, anúncios publicitários de conscientização sobre o uso de máscara, promovidos pelas políticas públicas de instituições governamentais, associavam a metonímia da máscara ao quadro cuidado/dano. A prefeitura de Pelotas, por exemplo, apresentou a seguinte argumentação para o uso de máscara: “⁵A máscara te protege e protege o outro! Mesmo que tu já tenhas te vacinado, é preciso seguir usando máscara! E de forma correta – que é cobrindo boca e nariz. Quem usa máscara, amigo é! Seja mais popular que qualquer ditado. Proteja quem você ama”

No discurso de conscientização da prefeitura de Pelotas, fica clara a ênfase da proteção do corpo do indivíduo e do outro. Além disso também é perspectivada a eficiência da proteção do objeto protetor (a máscara), pois não basta usá-la, é necessário usar corretamente. Isso remete ao que Charteris-Black aponta sobre a eficiência do recipiente quanto à proteção de seu interior. É a experiência de entrar e sair do corpo (recipiente) que se estrutura o quadro moral cuidado e dano pelo qual todo ser humano precisa proteger o outro. Assim, usar a máscara é condição para ser amigo de quem o sujeito protege. Priorizar o cuidado no lugar do dano é visto como algo positivo e altruísta. Outrossim, o ditado popular “quem avisa, amigo é” é resgatado pela memória social e cultural a fim de reforçar a positividade da ação de usar a máscara.

O corpo também é visto em termos de recipiente quando se refere à decisão de tomar ou não a vacina. A atriz Elizangela do Amaral Vergueiro apresentou posicionamentos polêmicos em sua rede social ao apresentar discursos contra a vacina obrigatória. Uma postagem que evidenciou a construção metafórica de contenção foi a comparação da vacina obrigatória com a experiência do estupro pela

⁵ Disponível em: <https://publicador-api.pelotas.com.br/storage/a90d42a1b3df6413ccd3d847dedd3a6dc14138c4.png>. Acesso em 7 de agosto de 2022

frase: “Penetração forçada sem consentimento é estupro⁶”.



Figura 6 - PENETRAÇÃO FORÇADA É ESTUPRO⁷

Essa metáfora aciona a memória social e discursiva do ato de penetração forçada. Assim, a violência do estupro foi perspectivada para o ato de vacinação obrigatória com a intenção de apresentar o aspecto negativo da campanha de vacinação, pois acarreta a violência do estupro para a violência da vacinação “forçada”. Pela simbologia dos elementos, o órgão genital masculino foi perspectivado do domínio-fonte “estupro” para equivaler-se à agulha da seringa do domínio-alvo vacinação. Aqui o verbo “penetrar” estrutura o pensamento de que o corpo é um recipiente e, se tal recipiente sofre penetração e recebe corpo estranho, entra em contato com o externo e assim o corpo perde sua santidade e é degradado. Isso evidencia o quadro moral Santidade e degradação para o qual há resistência à violação do corpo⁸. O Grande Dicionário Houaiss apresenta o verbo “penetrar” como “passar através ou para dentro de; entrar, transpor; adentrar” em primeira significação e como transitivo direto, apresenta a significação sexual “introduzir o pênis na vagina ou no ânus de”. Há ainda outra extensão do significado que também reforça a ideia de “dentro e fora” “ir em direção ao interior de; embrenhar-se, internar-se.

É preciso observar o esquema de força evidenciado na expressão “penetração forçada”. Segundo Talmy (1988), na dinâmica de força há entidades que interagem em relação à força: o agonista e o antagonista. Aqui inclui-se as

⁶ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2022/01/14936657-com-covid-atriz-elizangela-ja-comparou-vacinacao-obrigatoria-a-estupro-saiba-mais.html>

⁷ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/no-ar-em-a-forca-do-querer-elizangela-e-detonada-apos-comparar-estupro-com-vacinacao-obrigatoria-irresponsavel>. Acesso em 17 de ago.2022

⁸ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2

Acesso em: 17 de ago. 2022

possibilidades dessa interação: “exercício da força, a resistência a tal força, o excesso de vinda de tal resistência, bloqueio da expressão de força, remoção de tal bloqueio e similares” (TALMY, 1988, p. 409). Na frase em análise acreditamos que a “penetração forçada” apresenta a resistência do corpo à força da penetração, à força do instrumento vacinador. Discursivamente, há possibilidade de apresentar o corpo, o cidadão, o sujeito, como agonista, que luta para não ser invadido, degradado pela vacina e a autoridade científica, pelas políticas públicas de vacinação, representam o antagonista que promovem a “penetração forçada”.

É na perspectiva de decidir não tomar vacina, ou se opor à vacinação forçada, que o sujeito se posiciona contra a autoridade da ciência também. Evocando então outro quadro moral: autoridade e subversão. A mesma atriz Elisângela também postou a frase “meu corpo, minhas regras”, repetindo o mesmo mantra dos agentes de campanha antivacina. Essa tomada de decisão (não vacinar), é resultado do pensamento de que a autoridade da ciência vai de encontro aos desejos e às vontades dos indivíduos. Então, resta-lhes a subversão que se instaura na manifestação contra as vacinas – subversão contra a autoridade da ciência. Diante da frase “Penetração forçada sem consentimento é estupro”, é possível analisar o recipiente segundo as questões propostas por Charteris-Black. O que é o recipiente e o que está contido? O recipiente é o corpo e nele está contida a santidade. O recipiente protege e, em caso afirmativo, de quê? O recipiente, o corpo, protege a santidade do corpo e protege do corpo estranho, da substância da vacina e protege da sua possível degradação. O contêiner restringe a entidade contida? O contêiner restringe o interior do corpo. Quais são as propriedades do recipiente? O recipiente é formado de células, órgãos, material biológico que não pode ser degradado. Qual é o ponto de vista de que está dentro? O ponto de vista de quem está dentro é o de que está recebendo uma força contrária, “ser forçado” às propriedades e intenções do interior do contêiner, está sendo pressionado. Qual é a transitividade e agência do que está no recipiente e o que os coloca lá? Trata-se de uma força de fora para dentro. Quem está no recipiente impõe força contrária ao que está fora. A pressão vem de fora para dentro. Isso remete ao recipiente pressurizado, porém a pressão é de fora para dentro.

A Pandemia foi conceptualizada como recipiente na intencionalidade discursiva de apresentar as consequências negativas dos efeitos financeiros para o

Brasil, por exemplo. Fausto Augusto Junior, diretor técnico do DIEESE, fez o seguinte comentário no jornal da Rádio Brasil Atual FM: “Não há dúvidas que o Brasil vai sair dessa Pandemia, muito mais pobre, desigual e injusto”⁹. Aqui, o Brasil também é perspectivado como uma entidade que passa por uma esteira de uma linha de produção em série com entrada e saída do recipiente Pandemia. O recipiente Pandemia não se limita a “dentro e fora”, mas também é um ambiente (recipiente) intensificador da pobreza, desigualdade e injustiça.

A Pandemia, como período de duração da doença no mundo, perspectivada por um período de tempo, acaba também sendo conceptualizada como um espaço. Para Goatly (2007, p. 65), “o tempo é dividido em espaços a serem preenchidos. Portanto notamos a prevalência de metáforas de PERÍODO É ESPAÇO ou RECIPIENTE a serem preenchidos.” Desta forma, segue o teste do recipiente proposto por Charteris-Black. O que é o recipiente e o que está contido? O recipiente é a Pandemia e ela contém o Brasil. O recipiente protege e, em caso afirmativo, de quê? O recipiente Pandemia não protege o conteúdo, o Brasil, mas sim o faz passar por estágios de intensificação de suas propriedades, dessa forma, o contêiner restringe a entidade contida, pois impede o Brasil de modificar suas propriedades, ou seja, resolver seus problemas. Quais são as propriedades do recipiente? O recipiente é composto por uma nação cujos problemas são agravados. Qual é o ponto de vista de quem está dentro ou de fora do recipiente? Trata-se de um observador que está fora do recipiente e aponta para quem está dentro do recipiente, o Brasil. Qual é a transitividade e agência do que está no recipiente e o que os coloca lá? Trata-se do movimento de dentro para fora, de saída do recipiente.

Pela expressão “Barreira Sanitária” a metáfora MUNICÍPIO É RECIPIENTE, também produtiva para orientar a população a agir a favor da contenção do vírus procurando evitar sua proliferação e circulação.

Durante os períodos mais críticos de necessidade de isolamento social, muitos municípios dos estados do Brasil, principalmente os que possuem praias, precisaram apresentar ações de conscientização da população para evitar

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pFC30DzEI6k>

frequentar esses lugares. No Espírito Santo, a Prefeitura de Guarapari, por exemplo, passou por grandes desafios no processo de contenção de turistas. No trecho “Segundo o relato de moradores, entretanto, embora as barreiras estejam instaladas e com funcionários presentes, nenhum veículo que adentra a cidade é fiscalizado¹⁰ .”

Há marcas linguísticas da metáfora pela expressão “adentra a cidade”. Outro trecho que reforça a metáfora GUARAPARI É RECIPIENTE está no trecho: “Entre as medidas está a proibição da entrada de ônibus de turismo/excursão, microônibus, vans e similares no Município de Guarapari ¹¹.” Aqui a ocorrência está na expressão “proibição da entrada”. Expressões como essas são mais convencionais, mais cristalizadas na língua e, portanto, são usadas na linguagem cotidiana de forma inconsciente. Elas apresentam evidências na linguagem de metáforas como LIMITES SÃO CONTENTORES (CHARTERIS-BLACK 2012, 2019) e OS RECIPIENTES SÃO ESPAÇOS LIMITADOS (CHARTERIS-BLACK, 2019 *apud* CHARTERIS-BLACK, 2021). Diante disso, cabe observar, por falas disponíveis em textos jornalísticos como a conceptualização recipiente-município foi empregada com a intencionalidade discursiva de enfatizar a eficiência do recipiente. Observe o trecho a seguir sobre a eficiência da barreira sanitária da prefeitura de Nova Monte Verde de Mato Grosso, pela metáfora MONTE VERDE É RECIPIENTE¹² .

O morador ainda segue explicando que percebeu o que realmente deveria ser a barreira sanitária ao visitar um município no estado do Rio de Janeiro. “Em Macaé também instalaram barreiras sanitárias, e quase não me deixaram entrar. Tive que provar que estava a trabalho. Por aqui entram turistas de qualquer lugar”, contou (MONTE VERDE, 2020).

Percebe-se a estrutura argumentativa no excerto a seguir para justificar a retirada da barreira sanitária devido à invasão do vírus ao recipiente município.

¹⁰ Disponível em: <https://www.folhaonline.es/moradores-de-guarapari-reclamam-da-falta-de-fiscalizacao-em-barreiras-sanitarias/>

¹¹ Disponível em: <https://www.guarapari.es.gov.br/noticia/ler/788/covid-19-prefeitura-de-guarapari-estabelece-novos-protocolos-de-enfrentamento-a-pandemia>

¹² Disponível em: <https://www.novamonteverde.mt.gov.br/Noticias/Noticia-/Nova-monte-verde-retira-barreira-sanitaria-de-prevencao-ao-covid-19-da-entrada-do-municipio/>

A Prefeitura de Nova Monte Verde retirou nesta semana a barreira sanitária de prevenção ao Covid-19, da entrada do município. Então, aos poucos, de fora estava entrando o vírus aqui, então a barreira serviu para conter um pouco esse fluxo, essa disseminação”, apontou Galdino. Nesta segunda quinzena do mês de agosto, com a alteração do quadro de casos positivos para covid-19 no município, a decisão de retirada da barreira sanitária foi tomada. “Depois, com o passar do tempo, a gente percebeu que a contaminação ficou comunitária, então o vírus não vem mais de fora para dentro do município, o vírus já está instalado aqui, a contaminação passou a ser comunitária. Então, por causa disso, a gente achou por bem não ser mais necessária a barreira e agora direcionar o trabalho para outro foco” (MONTE VERDE, 2020, grifo nosso).

No trecho “o vírus não vem mais de fora para dentro do município” apresenta a transitividade da circulação do conteúdo do recipiente/município que é o vírus pela divisão dentro/fora do contêiner. Assim, no trecho “a contaminação ficou comunitária” é a justificativa para a retirada da barreira, pois, da posição de invasor, o que está fora e quer entrar, o vírus passou a fazer parte do recipiente, ser o conteúdo do recipiente município, pois se apresenta agora como elemento comum (comunitário) ao interior do recipiente. A concepção da entrada do vírus remete às construções conceptuais do vírus como invasor. Goatly (2007) apresenta a metáfora DOENÇA É GUERRA/INVASÃO a partir do esquema de pureza e isso se reflete no posicionamento, na atitude tomada diante da doença. Trata-se de ataques de invasores ou corpos estranhos, porque são de fora do recipiente.

Assim, aplica-se o teste do recipiente. O que é o recipiente e o que está contido? O recipiente é o Município Monte Verde e nele já está contido o vírus, pela fala apresentada. O recipiente protege e, em caso afirmativo, de quê? O recipiente deveria proteger, por meio da barreira sanitária, a população contra o vírus. O contêiner restringe a entidade contida? Não. O contêiner não foi capaz, pela barreira sanitária, de restringir a entidade contida, ou seja, a população, os munícipes. Quais são as propriedades do recipiente? Ele é formado por extensão de terra dividas politicamente e perspectivadas como recipiente. Qual é o ponto de vista de dentro ou de fora do recipiente? Quem informa sobre a retirada da barreira são os representantes da prefeitura, quem representa o contêiner/município, quem está dentro. Qual é a transitividade e agência do que está no recipiente e o que os coloca lá? Trata-se da transitividade do vírus de fora para dentro e sua ação no interior do recipiente, ação de contaminação comunitária.

4. Considerações finais

Observa-se que as metáforas de contenção pelo esquema do recipiente são construções metafóricas já cristalizadas na língua, as chamadas metáforas convencionais, mais difíceis de serem percebidas, pois não requerem significativa atividade mental para sua interpretação e, portanto, são ainda mais eficientes para a construção ideológica de tomada de decisão moral diante das situações polêmicas da Pandemia, como usar máscara ou tomar vacina (proteger o corpo/recipiente), entrar ou sair de municípios vizinhos ou ainda entrar e sair da própria Pandemia.

As amostras do corpus analisado permitiram observar que a escolha do falante quanto à construção metafórica sobre o posicionamento de usar máscara ou tomar vacina revelam a dimensão pragmática da metáfora conceptual. Escolher pensar a vacinação forçada em termos de estupro trata-se de uma escolha intencional para dar luz ao aspecto violento, de opressão do indivíduo que recebe a vacina sem o seu consentimento. Sobre outra perspectiva de proteção e de cuidado com outro, a escolha da categorização “amigo” para quem usa máscara evidencia a intencionalidade positiva de dar luz ao pensamento altruísta.

Assim, com a metáfora conceptual, na análise que faz Charteris-Black, montamos um quadro interpretativo de como as metáforas atuam no discurso e como elas constroem imagens mentais dos quadros sociais que se formaram a partir da pandemia nas principais questões que ela pôs em risco, em destaque o corpo como porta de entrada do perigo.

Referencias

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva: Uma visão geral e aplicada*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

BLACK, Jonathan Charteris. *Metaphors of coronavirus: invisible enemy or zombie apocalypse?* Palgrave Macmillan: University of the West of England Bristol, UK, 2021.

DINIZ, Jannine Jolanda Araújo. “Elixir Forten” faz a gente viver bem: redes de cuidado e as experiências de crianças que vivem com HIV /Aids. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9756/2/arquivototal.pdf>. Acesso em 24 ago de 2022

GIBBS, Raymond W. Jr. *Metaphor Wars: Conceptual Metaphors in human life*. Cambridge: University Press, 2017.

GOATLY, A. *Washing the brain: metaphor and hidden ideology*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A practical introduction*. Oxford University Press, 2002

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo GEIM. Campinas: Mercado de Letras/EDUC, 2002.

LAKOFF, George. *Don't Think of an Elephant: know your values and frame the debate*. Canada, USA: Chelsea Green, 2014.

LAKOFF, George. *The Contemporary Theory of Metaphor*. In Andrew Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-50 , 1992

MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and Political Discourse: Analogical Reasoning in Debates about Europe*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

TALMY, L. *Force Dynamics in language and cognition*. *Cognitive Science*, Hoboken, v. 12, n.1, p. 49–100, 1988